

## UMA VISÃO DIFERENTE DE SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Odilon Nogueira de MATOS

São Paulo, como é sabido, não foi das regiões mais visitadas pelos viajantes estrangeiros do século XIX. Poucos aqui estiveram e estes poucos não permaneceram muito tempo na então minúscula urbe paulistana. Outras regiões do Brasil - Rio, Minas, Bahia - tiveram muito mais que oferecer aos seus olhos perscrutadores e indagadores. É verdade que Saint-Hilaire e o Reverendo Kidder gostaram muito de São Paulo, mas, na realidade, são exceções, pois, de fato, a capital paulista tinha pouco para ser apreciado, comparada com outras cidades brasileiras.

Daí, a originalidade do viajante sueco Gustavo Beyer, que em 1812 e 1813 visitou a província paulista, não apenas a Capital, mas também algumas cidades do interior, como Itu e Sorocaba. As razões ou objetivos de sua viagem nunca ficaram muito esclarecidas por parte dos diversos autores que dele se ocuparam. Um deles, também sueco, Bjoeckman afirma que seu objetivo foi “formar um juízo seguro das bases necessárias para o estabelecimento de um comércio ativo entre a Suécia e o Brasil”; outros viram nela alguma finalidade científica, mormente no campo da geologia e da mineralogia, que eram elementos fundamentais em sua formação científica, além do curso médico pelo qual se diplomara na Universidade de Lund, em 1792. Dedicou-se, também, segundo outros, ao estudo das águas medicinais e à propaganda da vacina, então recentemente descoberta por Jenner.

Oliveira Lima, bem mais objetivo, declara expressamente: “O que se pode depreender, pelo que parece, é que não era de profissão naturalista e que tampouco era homem de negócios. Seus conhecimentos de história natural são taxados de vulgares; suas preocupações mercantis

aparecem nulas. Dicionário algum de biografia dá fê dele. É literariamente um esquecido e cientificamente um desconhecido”. E o historiador pernambucano remata sua crítica recomendando seja ele incluído numa categoria mais modesta de viajantes, aqueles que viajavam por simples distração, desfastio ou curiosidade.

Algum tempo depois, Oliveira Lima retomou o problema da identificação de Beyer: “Não se trata nem de um homem de ciência nem de um homem de comércio, sim de um homem de posição social”. E, nesse interim, ficou sabendo que sua viagem não foi “rigorosamente de prazer”, mas com o objetivo de “cobrança efetiva de uma dívida”. E quem lhe devia era nada menos que o diretor da fábrica de ferro de Ipanema, o que justificou sua ida a essa localidade nas vizinhanças de Sorocaba. Mas como a dívida não era tão alta que justificasse tão longa viagem, não é fora de propósito admitir que a curiosidade da terra e de sua gente sobrepôs-se a qualquer outro propósito.

Diante do interesse despertado pelo relato da viagem de Beyer, o dr. Alberto Loefgren, outro ilustre sueco que vivia em São Paulo, procurou indagar na Suécia sobre o desconhecido viajante. E as informações obtidas foram as mais evidentes no sentido de mostrar um cientista de carreira bastante significativa e com bela folha de serviços não só em seu país, mas por outros onde viajou como a Dinamarca, a Inglaterra, a Itália e Marrocos, preocupando-se notadamente com os problemas sanitários da marinha. Demitindo-se dos serviços navais, consagrou-se à pesquisa científica, como há pouco observamos ao lembrar seu interesse pelas águas medicinais e pela vacina de Jener.

Na visita que fez à mina de ferro de Ipanema, interessou-se por colecionar grande quantidade de minerais, insetos e caramujos, que pretendia levar para algum museu de seu país, mas acabaram-se perdendo por ter sido apresado por corsários americanos o navio em que foram expedidas. Do Brasil à Europa voltou ele em um navio de guerra inglês, demorando-se três meses em Londres e chegando a Estocolmo em novembro de 1813. De volta à pátria, ocupou diversos cargos públicos relevantes, alvo igualmente de condecorações significativas, até o seu falecimento em 10 de junho de 1852. Em seu acervo devem ser mencionados sete importantes trabalhos científicos de sua lavra.

A edição original sueca do relato da viagem de Beyer, publicada em Estocolmo em 1814, trazia, como de hábito na época, título bastante longo e explícito, que Loefgren adotou fielmente em sua tradução: “Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas notícias sobre a cidade da Bahia e a Ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi ocupada”.

O fato de ter sido a tradução publicada não em volume avulso, mas incluída na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo” (volume XII, correspondente ao ano de 1907, mas efetivamente publicado em 1908), publicação de natureza restrita, pouco contribuiu para a divulgação do livro. Assim mesmo, diversos autores dele se ocuparam e dois dos maiores historiadores paulistas tomaram-no como fonte valiosa para o conhecimento da capital: Afonso de Taunay e Ernani Silva Bruno; o primeiro, em seu livro “Non ducor, duco”, compilação comentada de “notícias de São Paulo” deixadas por vários autores, desde os jesuítas do século XVI; quanto a Silva Bruno, ocupou-se ele de Beyer num capítulo de seu livro “Memórias da cidade de São Paulo”, no qual transcreve um dos capítulos mais interessantes, aquele em que se descreve a vida festiva da cidade.

Mas a publicação do livro, na edição brasileira, em uma revista, como dissemos, de circulação restrita, foi sempre uma dificuldade para a maior divulgação do livro. Eis porque tomamos a iniciativa de reeditá-lo em volume editado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1992. O título original, extenso demais, pareceu-nos inadequado; daí o termos simplificado para “Viagem a São Paulo no verão de 1813”.

As informações obtidas por Loefgren, diretamente da Suécia, sobre a vida e a obra de Beyer minimizaram muito as observações nem sempre muito razoáveis de Oliveira Lima. Todavia, coube ao mesmo historiador pernambucano uma observação que podemos considerar como o fundamento do próprio objetivo desta breve comunicação, qual seja aspectos novos e inusitados da vida paulistana, não mencionados por outros autores. Citemo-lo:

“A novidade de sua curta obra está unicamente em que descreve um aspecto paulista do tempo que escapou a outros viajantes coevos ou de que não fizeram suficiente menção, e vem a ser a franqueza e largueza de seu intercurso social”, contrariando a pecha de extremo

retraimento atribuído aos antigos paulistas, tais foram os momentos de prazer que marcaram sua estada em São Paulo e sempre - coisa rara! - com a participação do elemento feminino.

A seguir, alguns trechos do próprio viajante sueco:

“As mulheres são em geral bonitas, bem feitas e extremamente encantadoras no seu modo de ser. Nunca vi olhos mais expressivos, dentes mais bonitos e pés mais mimosos do que nelas. Poder-se-ia crer estar em Estocolmo. Canto e música são talentos comuns que elas revelam com a mesma graça e facilidade. O primeiro consiste principalmente nas conhecidas modinhas e os instrumentos mais freqüentes são o piano, a harpa, o violão e o órgão; deles, o mais comum é o violão, tocado até entre o povo do campo. Simples no trajar, distinguem-se, todavia, as paulistas por um gosto excepcional e, apesar de viverem num país onde o ouro e os brilhantes abundam, usam-nos raras vezes. Com um simples enfeite de flores naturais ornam o seu comprido e escuro cabelo, arranjado e fixado com ricos pentes. As flores no cabelo, dadas de presente, são verdadeiras provas de bem querer. Elas são bastante sensíveis à lisonja e se orgulham de ser paulistas. Raras vezes ocupam carruagens nos seus passeios pelo campo ou viagens maiores; preferem montar a cavalo, no que têm grande habilidade. Quando montam, vestem uma saia comprida que lhes esconde os pés, com gola vermelha e enfeitada de galões ou de bordados a ouro. Aos 13 ou 14 anos costumam casar e é raro ver uma paulista solteira” (pp 27/28).

Da apreciação das mulheres passa Beyer à apreciação da vida social:

“Cada terra tem seus costumes, assim também São Paulo, e em poucos lugares a polidez é mais exagerada do que aqui.

Quando um estrangeiro pela primeira vez visita uma família, é recebido pelo dono da casa que lhe oferece a sua amizade, seu coração e sua casa, como se fosse a dele, o que de modo nenhum deve ser tomado como uma simples fórmula. Quando o hóspede se retira, o dono da casa chega primeiro à porta, não para dizer uma amabilidade, mas para mostrar que o hóspede é o dono da casa, acompanha-o até o último degrau e, muitas vezes, até à rua. Isso é tão comum, como o é o costume de fazer presente de um objeto que a pessoa gaba; por exemplo, na viagem às minas encontramos um capitão Ferreira que montava um cavalo bonito e de

excelente andar e como eu por acaso o dissesse, quis ele presentear-me com o animal, do que, com muita dificuldade pude declinar. Tais casos se dão freqüentemente e no começo embaraçam muito os estrangeiros que, por isso, são tidos por menos educados” (p. 28)

E não poderia o viajante sueco ter melhor remate que este:

“O tempo passa depressa num país onde se gozam de tantas finezas como em São Paulo. Passamos uma semana inteira em divertimentos, entre os quais, além de bailes e teatros, devo mencionar um passeio organizado pela Marquesa de Alegrete (esposa do governador) no outro lado do rio Tietê, onde nos divertimos o dia inteiro. Muitas senhoras casadas e moças bonitas compunham a comitiva que, toda unida, partiu da cidade acompanhada por um enxame de ordenanças e criados.” (p. 28)

As próprias festividades religiosas (e eram muitas) despertaram a atenção de Beyer, como as que assistiu após o regresso de uma pequena viagem que realizou a Itu e a Sorocaba. Coincidiu com a data de “Corpus Christi”, uma das mais festejadas datas do calendário católico. Descreve pormenorizadamente a cerimônia, ressaltando seu caráter social, tão importante, a seu ver, quanto o religioso. A descrição que nos oferece de um jantar no convento dos franciscanos é expressiva:

“Finalmente soou a campainha do refeitório do convento e os convidados foram conduzidos por um extenso corredor até a sala de jantar, onde todos se acomodaram ao longo de uma imensa mesa que quase vergava sob o peso do que podia haver de superior e melhor nesta terra. Em todos os cantos da sala havia mesas para os trinchadores. O serviço era feito exclusivamente por noviços e bebiam-se os melhores vinhos europeus como se estivéssemos em qualquer capital do velho continente. Não posso negar que o jantar era tão alegre e livre como interessante por sua raridade, e tão pouco posso negar que debaixo destas sotainas negras, que em geral se distinguem pela tristeza e menosprezo do mundo e dos homens, encontrei pessoas distintas, não somente instruídas, como respeitáveis na sua vida social. As saúdes mais notáveis eram: depois do brinde, em honra da Real Família de Bragança, das nações que enfrentavam Napoleão, a russa e a sueca, e foi para mim imensamente agradável, tão longe da pátria, em tal companhia e em tal lugar, ter a felicidade de beber à saúde do meu rei e do grande príncipe, cujos feitos foram enaltecidos neste Novo Mundo. Terminado o jantar, às sete horas da noite, fomos

convidados a uma outra sala para a sobremesa, cuja quantidade excede a toda a descrição. Numa grande mesa quadrada, todas as frutas e todos os vinhos da América do Sul, acompanhadas dos mais finos vinhos europeus e cerveja branca e preta, o que, aqui, é uma grande raridade, para cuja conservação são necessárias boas adegas. No centro da mesa, a figura de uma mulher representava a América com uma cesta de frutas numa mão e noutra uma pequena garrafa de vinho; ao redor dela, formando escada, uma porção de doces secos envoltos em papel colorido, o que muito se prestava para presentes às damas, razão porque a pobre América foi logo despojada dos ricos doces que guardava e levada para a Sociedade Imperial, onde iria servir nos jogos de prenda, muito em voga em São Paulo”.

E para sua despedida de São Paulo, uma “brilhante festa” em Santo Amaro, onde passou dois dias “em divertimentos com canto, música e dança que sempre acabavam em serenatas em honra das damas, depois de já recolhidas em seus aposentos”.

Em troca de todas as gentilezas recebidas na estada em São Paulo, entenderam Beyer e dois compatriotas que com ele viajavam de oferecer um baile de despedida “em reconhecimento por todas as gentilezas que nos foram dispensadas”. A essa festa compareceram 150 convidados, que “pareciam todos satisfeitos”. E remata lembrando que entre as danças executaram-se “lindos trechos do grande compositor do Rio de Janeiro, sr. Marcos Portugal, modinhas brasileiras e outros bonitos cantos. À mesa foram brindados a Família Real, o governador geral e as paulistas e o baile continuou, com ininterrupto serviço de refrescos, até três horas da madrugada, quando os convidados se retiraram (...) As extraordinárias provas de amizade e de interesse que tive, tanto do governador, Marquês de Alegrete, como de muitos outros paulistas, serão sempre lembradas com a máxima gratidão”.

Algumas razões permitimo-nos invocar para o excesso de transcrições do texto de Beyer. Em primeiro lugar, o quase desconhecimento de seu relato, publicado pela primeira vez entre nós, conforme indicamos, em 1908 e não em volume que pudesse ser adquirido pelo leitor eventualmente interessado, mas inserto nas páginas de um volume da Revista do Instituto Histórico de São Paulo, publicação praticamente restrita aos sócios do Instituto. E mesmo a nova edição que dele fizemos,

quase noventa anos depois, patrocinada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas também não teve caráter comercial, pois foi inserido em um número especial da “Notícia Bibliográfica e Histórica” (nº 145, jan/mar de 1992). Por essa razão tornou-se Beyer talvez o menos conhecido dos inúmeros viajantes que nos visitaram e escreveram sobre nosso país. Daí, nosso interesse em divulgá-lo.

E como se não bastasse, acrescentaríamos a natureza de seu relato, que destoa de todos os demais de outros viajantes por abordar aspectos, no mais da vezes inéditos dentro da literatura de viagens referentes a São Paulo, implicando, por assim dizer em um sentido de originalidade que não é de se desprezar, pois nos dá “uma visão diferente de São Paulo no início do século XIX” como deixamos claro no próprio título desta comunicação.\*

---

(\*) Este texto foi elaborado especialmente para a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica a ser apresentado na reunião anual realizada no Rio de Janeiro em julho do ano passado. Tal, entretanto, não ocorreu devido à impossibilidade de comparecimento do autor.